

INFLUÊNCIAS E POSSÍVEIS CONTRIBUIÇÕES DE MANIFESTAÇÕES GUERREIRAS AFRICANAS À CAPOEIRA

RÔMULO MEIRA REIS

Faculdades Integradas Hélio Alonso – FACHA, Rua Muniz Barreto nº 51, Botafogo.
romulo.reis@facha.edu.br

LAÍS VIEIRA PATRICIO

Faculdades Integradas Hélio Alonso – FACHA, Rua Muniz Barreto nº 51, Botafogo.
laispatriciofotos@gmail.com

SILVIO DE CASSIO COSTA TELLES

Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, Av. Carlos Chagas Filho nº 540, Cidade Universitária.
Universidade do Rio de Janeiro – UERJ, Rua Francisco Xavier nº 524, Maracanã.
silviotelles@terra.com.br

RESUMO

No âmbito das discussões acadêmicas, científicas ou própria da comunidade sobre as origens da capoeira, apesar de não haver consenso, existem entendimentos de que a capoeira seja a resultante da aglutinação das chamadas danças marciais negras ou danças de combate. Desse modo, o objetivo desse artigo é examinar e compreender as influências e possíveis contribuições das manifestações guerreiras de matriz africana à capoeira. Usamos os métodos da pesquisa bibliográfica e documental seguindo os preceitos de Sá-Silva, Almeida e Guindani (2009) para buscar em fontes convencionais da literatura e não convencionais os subsídios para o alcance do objetivo proposto, compondo assim, a estrutura da seção análise e discussão dos dados. A análise de dados revelam as manifestações guerreiras tais como: N'golo, Kandeka, Bassúla, Kambangula ou Ombangula, Umudinho ou Ómundinho e Ladja dentro de suas técnicas corporais possam de alguma forma ter influenciado e contribuído à capoeira. Como também características como formatos de roda, cantos, palma, coro e usos de instrumentos possam ser considerados como possíveis precursores aos ritos da roda de capoeira. Consideramos que a aglutinação de lutas, manifestações guerreiras, culturas e práticas de combate corporal ressignificadas pelo tempo sejam o mais forte indicativo para as origens da capoeira.

Palavras-chave: Capoeira; Matriz africana; Contribuições;

ABSTRACT

In the context of academic, scientific or community discussions about the origins of capoeira, although there is no consensus, there are understandings that capoeira is the result of the combination between black martial dances or combat dances. Thus, the objective of this article is to examine and understand the influences and possible contributions of warrior manifestations of African origin to capoeira. We used the methods of bibliographic and documentary research following the precepts of Sá-Silva, Almeida and Guindani (2009) to search in conventional and unconventional sources of literature the subsidies to reach the proposed objective, thus composing the structure of the analysis and discussion of data. The data analysis reveals the warrior manifestations such as: N'golo, Kandeka, Bassúla, Kambangula or Ombangula, Umudinho or Ómundinho and Ladjá within their body techniques may have somehow influenced and contributed to capoeira. As well as characteristics such as circle shapes, chants, palm, choir and uses of instruments can be considered as possible precursors to capoeira circle rites. We consider that the agglutination of fights, war manifestations, cultures and practices of corporal combat resignified by time are the strongest indication for the origins of capoeira.

Keywords: Capoeira; African origin; Contributions.

INTRODUÇÃO

No âmbito das discussões acadêmicas, científicas ou própria da comunidade da capoeira ainda não existe um consenso absoluto sobre as origens da capoeira. Isto porque a capoeira a transnacionalidade, resistência cultural e mobilidade em de suas características de desenvolvimento, fazendo com que este fenômeno sociocultural tenha diferentes ramificações, significados, ressignificados, percepções e/ou interpretações dispares e contraditórias (FALCÃO, 2016).

Assim, em relação as origens há uma linha de raciocínio que indica a presença de três mitos fundadores (IPHAN, 2007). Sendo estes: a) A capoeira é uma criação indígena; b) A capoeira é africana e foi trazida pronta pelos escravos; e c) A capoeira é criação de escravos quilombolas no Brasil (IPHAN, 2007).

Nesse contexto, dentro da teoria da capoeira ter sido trazida já pronta, é natural questionamentos como: Se realmente veio transplantada, por que não a encontramos na África? Ou, como seria explicado o fato da capoeira se manifestar de formas diferentes pelo Brasil? Pois, a capoeira documentada no Rio de Janeiro é diferente da capoeira em Salvador, que é diferente da capoeira em Recife ou em São Luiz. E o berimbau, como se explica? Mesmo existindo em outras civilizações. Na África era denominado Urucungo sendo usado para homenagear e se comunicar com os mortos ligando os dois mundos, surge como um dos últimos elementos da capoeira no final do século XIX (RÊGO, 2015; REIS, 1997).

Por outro lado, o caminho mais lógico para uma teorização sobre as origens africanas seria o apontado por pesquisadores como Alleoni (2010), Soares (1999) e Vieira e Assunção (1998), cujo entendimento é que a capoeira seja a resultante da aglutinação das chamadas danças marciais negras ou danças de combate, que remetem um passado ancestral da capoeira sendo fortes componentes de possíveis contribuições e influências (STOTZ E FALCÃO, 2012; SOARES, 1999). Desse modo, o objetivo desse artigo é examinar e compreender as influências e possíveis contribuições das manifestações guerreiras de matriz africana à capoeira.

METODOLOGIA

Este artigo tem como características descritiva-exploratória, cujos dados são de natureza qualitativa. Dessa forma, usamos os métodos da pesquisa bibliográfica e documental seguindo os preceitos de Sá-Silva, Almeida e Guindani (2009) para buscar em fontes convencionais da literatura e não convencionais subsídios para o alcance do objetivo proposto, compondo assim, a estrutura da seção análise e discussão dos dados.

ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

Para compreendermos as influências e possíveis contribuições das manifestações guerreiras à capoeira é necessário antes um ponto de partida. Este ponto é a existência do regime escravocrata que vigorou entre os séculos XVI e XIX, em que inúmeros africanos foram tirados de suas terras e levados para as Américas onde trabalhavam arduamente nas colônias europeias.

Nesse contexto, elucidamos algumas questões sobre a escravidão e o tráfico negreiro. Primeiro, a escravidão de povos naquela época não era algo novo, mas sim, algo recorrente na história da humanidade, através das vitórias em guerras de um povo sobre o outro, como por exemplo: Egito antigo, Grécia, Império Romano e Guerras na Europa durante a Idade Média (FLORES, 2007; RÊGO, 2015). Segundo, opostamente ao que a história convencional conta, os europeus não subjugarão os africanos por sua superioridade, porém, os próprios africanos eram comerciantes de africanos, as tribos rivais caçavam vendiam seus inimigos, vendiam uns aos outros para sobreviver. Os europeus sim, aumentaram o consumo e estimularam o comércio desenfreado (FLORES, 2007; RÊGO, 2015; THORNTON, 2004). Terceiro, havia também grupos de europeus que invadiam territórios no interior da África para sequestrar

e comercializar negros africanos, os que chamavam de “peças da Índia” (ARTN E BANALUME NETO, 1995).

Outro aspecto comum que pode gerar equívocos é a relação entre as nações africanas serem os países ou cidades como hoje conhecemos no continente africano. No entanto, esclarecemos que os europeus não faziam esta distinção, pois não tinham qualquer interesse em identificar ou fazer algum tipo de classificação/mapeamento de região, tribos, territórios ou aldeias oriundas dos africanos. Não permitindo assim determinar suas origens com exatidão para compor estudos mais profundos (FLORES, 2007). Soares (2001) esclarece que o termo nação não se relacionava com grupos étnicos ou países, porém referenciava-se aos portos de embarque e comércio do tráfico. Nestes, os escravos recebiam um nome cristão e outro de uma nação, tal como: João Angola, José Cabinda, Luiz Benguela ou Antônio Luanda, o qual o acompanharia por toda vida. Portanto, a especulação de nações africanas não correspondem as regiões originárias.

Não obstante, Thornton (2004) conseguiu fazer um mapeamento a partir dos idiomas e dialetos falados, detectando regiões que conhecemos hoje como: Senegal, Libéria, Costa do Marfim, Gana, Togo, Benin, Nigéria, Camarões, Angola, Congo e Moçambique.

Partindo dessas premissas é factual que a escravidão trouxe inúmeras mazelas, porém os africanos além da sua força de trabalho traziam consigo conhecimentos, vivências, culturas, tradições, cultos e danças guerreiras que foram se misturando a cultura local e se manifestando de formas diferentes com o passar do tempo. Logo, é com este cenário que destacamos as manifestações culturais guerreiras africanas que são encontradas na África e América Central, também denominadas por danças marciais negras ou danças de combate para realizar o exame de influências e possíveis contribuições à capoeira (STOTZ E FALCÃO, 2012; SOARES, 1999).

A primeira destas manifestações é uma das mais conhecidas. Relatada por Albano Neves e Sousa, o pintor de Angola no início dos anos de 1960, o N'golo ou Kisema, que no idioma Kikongo refere-se ao animal zebra, força, autoafirmação, luta e poder, é uma dança guerreira cerimonial de iniciação, praticada pelos grupos Mocupe e Mulondo, bantus do sul de Angola (SOARES, 1999). Conhecida como dança da zebra, seu rito é realizado nas festas do Mufico, durante o período de puberdade das moças do grupo, onde os jovens homens fazem movimentos imitando movimentos de animais, tentam acertar o oponente com pés e cabeças. O vencedor adquire o direito de escolher sua noiva entre as moças do grupo sem pagar dote por ela (ALLEONI, 2010; SOARES, 1999; STOTZ E FALCÃO, 2012).

De fato, os movimentos do N'golo são muito próximos aos vistos na capoeira, utilizam o apoio das mãos no chão lembrando golpes como: a meia-lua de compasso; rabo de arraia; calcanheira, chapa ou esporão com as mãos no chão. Movimentos que envolvem inclusive as cabeçadas, golpes que caracterizam a capoeira.

Desch Obi (2008) revela que antes do N'golo propriamente dito ocorre a Kandeka ou Liveta, combates com golpes de mãos abertas similares a uma espécie de boxe, que serviam para eliminar alguns adversários e para preparar os competidores para o N'golo. Entretanto, ao detectarmos o uso das mãos abertas e livres com golpes variados, podemos identificar relações com golpes usados na capoeira que conhecemos hoje pelos nomes de galopante, escala ou desprezo.

Em relação aos ritos, tanto para o N'golo quanto para a Kandeka, Assunção (2005) afirma que aconteciam em círculos, com palmas para manter o ritmo e cantos com os presentes respondendo as canções de chamada e resposta, peculiar a um coro, também observado na capoeira (STOTZ E FALCÃO, 2012).

A próxima cultura guerreira possui o enquadramento de luta, defesa pessoal, desafios e festividades, a chamada Bassula é uma tradição dos antigos pescadores da antiga região da Ilha de Luanda em Angola, praticada na areia envolvendo golpes desequilibrantes (ALLEONI, 2010). O significado de seu termo é rasteira, a qual é uma de suas técnicas da luta presente e tão famosa na capoeira. Além da rasteira existem as quedas, chamadas de kibwas, que se parecem com projeções. Como também as

kapangas, uma espécie de agarrão ou chaves que servem para segurar o oponente pelos cotovelos (gravata) ou pelo corpo a fim projetá-lo, similar a uma luta livre (ASSUNÇÃO, 2005).

Portanto, a técnica da rasteira e a transcrição etimológica fazem com que a Bassúla seja mais uma manifestação guerreira que possa ter dado traços e contribuições à capoeira. Contudo, é preciso destacar que na aplicação de uma kibwa ou rasteira por exemplo, é permitido o contato das costas e glúteos no solo, atributos ausentes na capoeira, pois no ato de jogar só é permitido tocar o solo com as mãos e a cabeça.

Em terceiro lugar encontramos a Kambangula ou Ombangula, mais uma que pode ter contribuído para a capoeira. Esta luta ou jogo bantu praticada do centro ao sul de Angola, ocorre dentro de uma roda, mesmo dispositivo da capoeira, possui ainda o ritmo gerado por palmas e cânticos sem instrumentos (ALLEONI, 2010). O significado da palavra Kambangula é a expressão “aquele que não é lento, que não vacila”, também é o nome de batismo de uma palmatória usada pelos portugueses no período colonial em Angola. Em suas técnicas estão os golpes aplicados com as mãos abertas ou palmas da mão, cujo objetivo é nocautear o adversário. Isto posto, fazendo uma breve comparação, esses golpes de mãos abertas nos fazem lembrar novamente dos mesmos presentes na capoeira, citados anteriormente na explicação da Kandeka ou Liveta, portanto, caracterizam possíveis contribuições.

O Umudinh ou Ómundinh relatado pelo etnógrafo português Augusto Bastos no início do século XX, é uma manifestação muito específica, praticada exclusivamente pelos Quilengues, localizados na província de Benguela, litoral norte de Angola, aparece como outro potencial agente causador de contribuições à capoeira (ASSUNÇÃO, 2005; DESCH OBI, 2008; SOARES, 1999). Qualificado por ser um jogo de combate atlético disputado com as pernas, composto por saltos, chega a ser acrobático com golpes que tiram os dois pés do chão. Seus gestos, golpes e movimentos lembram os mesmos vistos na capoeira tais como: voo do morcego, meia lua e saltos. Por isso, é mais uma luta que elenca o hall das que podem também ter contribuído com golpes usados na capoeira (ALLEONI, 2010).

Partindo para América Central não poderíamos deixar de citar a Ladja, luta que segundo Vieira e Assunção (1998) e Stotz e Vieira (2012) é a que mais se aproxima da capoeira como a vemos atualmente. Indubitavelmente, corroboramos com os autores, a semelhança é impressionante, fazendo-a parecer uma espécie de capoeira primitiva com dois jogadores medindo habilidades e destreza, onde qualquer descuido pode gerar uma rasteira ou nocaute por um golpe bem aplicado.

A Ladja é oriunda da Martinica, também é praticada na Jamaica, ambos os países tiveram o regime escravocrata, ainda pode ser vista com facilidade na cultura destes países. Tecnicamente possui movimentos similares a armadas, queixadas, meia-lua, voos do morcego, benções, tesouras, meia lua solta e uma espécie de ginga com fintas para ludibriar o adversário, induzir ao erro e formar situações favoráveis a aplicação dos golpes. Sua execução ocorre ao som de tambores com muita malícia e agilidade causando um misto de luta e festividade (SOARES, 1999; STOTZ E VIEIRA, 2012).

Stotz e Vieira (2012) apontam que em Benin, na África, existe uma outra luta, a Kadja, que é muito parecida com a Ladja, podendo ser uma provável origem da luta situada na América Central. Entretanto, apesar da proximidade fonética, os autores explicam que a Kadja está mais próxima da luta corpo a corpo, o wrestling, devido ao uso de golpes e movimentos de luta agarrada. Desse modo, tal aproximação deve-se pela premissa de permitir ao guerreiro, mesmo sem armas, dar continuidade ao combate através de um diversificado leque de técnicas.

Até então foram examinadas as principais manifestações guerreiras africanas encontradas na literatura que possam ter contribuído para com a capoeira, cujas conotações tendem ao jogo e luta, facetas que possam ter sido provavelmente derivadas e absorvidas pela capoeira. Desse modo, entendemos que as técnicas presentes nestas manifestações com golpes e movimentos que utilizam mãos, pernas, cabeça como armas e os até saltos, possam ter reverberado contribuições presentes na capoeira e notadas nos dias de hoje.

Por outro lado, apoiando os apontamentos de Araújo e Jaqueira (2006), ampliamos um pouco a visão e consideramos as influências e contribuições destas matrizes africanas tais como: os formatos de

roda, cantos, palma, coro e usos de instrumentos, os quais provocam ritmos e cadências, possam ser considerados como possíveis precursores aos ritos da roda de capoeira.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A capoeira em seu desenvolvimento possui grande riqueza de formas e contornos, os quais permitem diversas interpretações ou contextos diferentes. Isto posto, o exame das influências e contribuições aqui apresentados é apenas um dos componentes que qualificam a capoeira como arte multifacetada, que solitariamente trariam um visão reducionista da capoeira como ela realmente é.

Desse modo, as relações de técnicas “antigas” com as presentes na capoeira merecem estudos mais profundos e pesquisas realizadas direta na fonte, a África, para que estas possíveis contribuições, que entendemos como válidas sejam definitivamente comprovadas e ganhem destaque nas origens da capoeira.

Por outro lado, não podemos deixar de comentar que visão macro sobre as origens da capoeira nos fazem compreender que a aglutinação de lutas, manifestações guerreiras, culturas e práticas de combate corporal ressignificadas pelo tempo sejam o mais forte indicativo para as origens.

REFERÊNCIAS

1. ALLEONI, B. N. A manifestação corporal capoeira: uma cultura nacional brasileira. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**. 9(1):24-31, 2010.
2. ARAÚJO, P. C. de.; JAQUEIRA, A. R. F. A luta da capoeira: reflexões acerca da sua origem. **RBCS**. Ano III, nº 9, jul/set 2006.
3. ARNT, R.; BANALUME NETO, R. A cara de Zumbi. **Revista Superinteressante**, São Paulo, ano 9, n. 11, p. 30-42, nov. 1995.
4. ASSUNÇÃO, M. R. **Capoeira: the history of an afro-brazilian martial art**. New York: Taylor & Francis, 2005.
5. DESCH OBI, T. J. **Fighting for honor: the history of african martial art traditions in the atlantic world**. Columbia: University of South Carolina, 2008.
6. FALCÃO, J. L. C. Aspectos do desenvolvimento da capoeira: transnacionalidade, resistência cultural e mobilidade. **Criar Educação**. V.5, nº1, Criciúma, jan/jun, 2016.
7. FLORES, A. L. P. **Mestres de capoeira: memória e salvaguarda no século XXI**. Dissertação (mestrado). Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade, Vitória da Conquista, 2017.
8. IPHAN. **Inventário para Registro e Salvaguarda da Capoeira como Patrimônio Cultural do Brasil**. Brasília, DF, 2007.
9. RÊGO, W. **Capoeira angola: ensaio etnográfico**. 2ª. ed. Rio de Janeiro: MC&G, 2015.
10. REIS, L. V. de S. **O mundo de pernas para o ar: a capoeira no Brasil**. São Paulo: Publisher Brasil, 1997.
11. SÁ-SILVA, J. R; ALMEIDA, C. D. de; GUINDANI, J. F. Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas. **Revista Brasileira de História & Ciências Sociais**. Ano I - Número I - Julho de 2009.
12. SOARES, C. E. L. **A negregada instituição: os capoeira na corte imperial 1850-1890**. Rio de Janeiro: Access, 1999.
13. SOARES, C.E. L. **A capoeira escrava e outras tradições rebeldes no Rio de Janeiro 1808-1850**. 2a ed. Campinas: UNICAMP; 2001.
14. STOTZ, M. B. N.; FALCÃO, J. L. C. Rito & rebeldia em jogo: só na luta da capoeira se canta e dança? **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. Florianópolis, v. 34, n. 1, p. 95-110, jan./mar, 2012.
15. THORNTON, John Kelly. **A África e os africanos na formação do mundo Atlântico, 1400 – 1800** / John Thornton; tradução Marisa Rocha Mota. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.

16. VIEIRA, L. R; ASSUNÇÃO, M. R. Mitos, controvérsias e fatos: construindo a história da capoeira. **Estudos Afro-Asiáticos**. 34, p.81-121, dez, 1998.